



APRESENTAÇÃO

Dossiê: Feminismos, gênero e sexualidade na Educação

Tânia Mara Cruz¹
Cláudia Pereira Vianna²

O Dossiê “Feminismos, gênero e sexualidade na Educação” se apresenta em um final de ano sombrio para as classes trabalhadoras brasileiras, e, particularmente às questões que envolvem gênero e educação, com o conservadorismo que se apresentou durante as eleições de 2018 e seguem em seu desenrolar de aprofundamento de perda de direitos fundamentais, como a educação pública e a liberdade de expressão de professoras/es e perseguição ao que setores reacionários designaram, equivocadamente, como “ideologia de gênero”.

Reafirmamos nesse número nossa resistência. Seguiremos falando de feminismos. Seguiremos falando de gênero. Seguiremos falando de sexualidade. E, mais do que tudo, seguiremos falando dentro do campo do marxismo que, a nosso ver, é o que tornará esse mundo habitável contra a barbárie capitalista.

Agradecemos às/os autoras/es que enviaram seus artigos e resenhas: feminismo e classe; feminismo negro; educação sexual emancipatória; igualdade de gênero na sala de aula; formação docente e gênero; e duas resenhas sobre o feminismo de Angela Davis e de Chimamanda Ngozi Adichie. São textos que expressam, em um pequeno conjunto numérico, as potencialidades de pesquisa desse tema que compõe a nossa práxis cotidiana.

Todavia, não poderíamos deixar de frisar a necessidade de ampliação das pesquisas marxistas no campo gênero/sexualidade, raça e classe dentro da educação, diferentemente do que se pode observar em relação às temáticas de políticas públicas, educação e trabalho, teorias educacionais entre outras.

¹ Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Professora do Mestrado em Educação/UNISUL. Vice-líder do Grupo de Pesquisa Educação, Infância e Gênero – GEDIG/CNPQ –UNISUL. E-mail: <tania.cruz@unisul.br>

² Doutora em Educação (1999) e Livre Docência (2011), ambos pela Universidade de São Paulo. Trabalha na área de Educação, com ênfase em Política Educacional, Relações de Gênero e Diversidade Sexual, investigando os seguintes temas: relações de gênero, diversidade sexual, educação, identidade docente e política educacional. É líder do Grupo de Estudos de Gênero Educação e Cultura Sexual (EdGES) credenciado no CNPq. É bolsista de produtividade em pesquisa nível 1 D pelo CNPq. E-mail: <cpvianna@usp.br>



Para Angela Davis, no livro “A Liberdade é uma luta constante” sobre o qual trazemos uma resenha nesse Dossiê, o feminismo só faz sentido se for anticapitalista, se suas conquistas atingirem ao conjunto de mulheres trabalhadoras e também de homens trabalhadores. É uma luta pelo fim da desigualdade social e econômica e por uma nova sociabilidade com liberdade de gênero e de expressão da sexualidade.

Ressaltamos aqui as palavras de Angela Davis, sobre feminismos e sujeitos. A filósofa destaca a necessidade da crítica ao “pensamento identitário estreito se quisermos encorajar as pessoas progressistas a abraçar tais lutas como se fossem delas próprias. Com relação às lutas feministas, os homens terão de fazer muito do trabalho importante. Gosto bastante de falar sobre o feminismo não como algo que adere aos corpos, não como algo enraizado em corpos marcados pelo gênero, mas como uma abordagem – como uma forma de interpretação conceitual, como uma metodologia, como um guia para estratégias de luta. Isso significa que o feminismo não pertence a ninguém em particular” (2018, p.40).

Boa leitura!

Boa luta!

As organizadoras